

CDU 869.0(81) Freyre trata sempre o mundo que vive ao redor de si, com uma visão crítica e profunda, mostrando o homem e a sociedade em constante transformação. A obra é um testemunho de uma vida dedicada à cultura e à educação, e é uma leitura obrigatória para todos os que se interessam por estes temas.

RECORDAÇÃO DE GILBERTO FREYRE

Quando me encontrava com ele, parecia que eu estava diante de um velho amigo, alguém que conhecia profundamente a vida e a cultura brasileira. Sua presença era uma inspiração para todos os que o conheciam. Ele sempre falava com uma clareza e uma paixão que não se encontravam em outros. Sua obra é um legado valioso para a nossa sociedade, e é uma leitura que nos ajuda a entender melhor o mundo em que vivemos.

Adriano Moreira

Nos últimos anos fui tantas vezes convidado a falar sobre a obra de Gilberto Freyre, que finalmente reparei que pouco temos dito sobre o homem que deixou a profunda marca na história da cultura que celebramos, mas também venceu a maneira de ser dos vivos com os quais coexistiu, e que modestamente vão desaparecendo sem deixar igual contribuição, mas que não podem omitir o testemunho do encontro.

Vagabundo das cátedras, como gostava de lembrar, incapaz de se fixar numa escola institucionalizada, parecia ter antecipado o maior problema do nosso tempo pedagógico, que é encontrar a maneira de formar homens para a incerteza. Porque finalmente parece ter sido assumido que o mundo que se ensina com esquema curricular, já não será aquele que os formados vão encontrar e em que terão de agir, tão evidente se tomou que a evolução se faz em tempo acelerado, exactamente o contrário do tempo demorado em que necessariamente se traduz a tentativa de integração social pela longa disciplina escolar.

A estabilidade docente preferiu sobrepor a vocação de andarilho, não apenas no sentido clássico daquele que leva as notícias, mas no mais frutuoso e difícil de procurar a nova em todos os lugares, e de levar a nova, aos sedentários de toda a parte. Uma rara virtude de erudito, que para isso tem de dispor-se à dureza de penetrar no publicado e no inédito, à sujeição física dos arquivos e dos seus limites, à submissão do movimento do corpo à total agilidade do espírito, como que enriquecendo as capacidades do segundo com as renúncias do primeiro; e assumir-se co-

mo olheiro da vida, que observa e o informa, indo de um lugar para o outro no exercício do mais fundamental dos direitos que é o de cada um poder mover-se pelo mundo, de estar e de andar, e sem ele não há mais nenhum direito que tenha validade.

No seu estilo de trabalhar, parecia defender este direito básico contra as próprias decisões, e dava a impressão de que, por isso, não se deixava amarrar nem a carreiras, nem a disciplinas universitárias, nem a tradições de escola, nem sequer a metodologias codificadas.

Procurava ser, ao mesmo tempo, o jornalista que testemunha, o cronista que aruma, o analista que busca o significante, o ensafsta que aventura o significado, o teórico que propõe a explicação e o prognóstico.

Livre, deste modo, do preconceito da contradição, porque era apenas a realidade que eventualmente lhe contrariava a observação já feita, e não tinha mais que satisfação em descobrir isso, em corrigir o anotado ou o teorizado, em enriquecer a capacidade de exercício da sua perspectiva.

Daqui parecia decorrer a igual atitude com que mergulhava nos ambientes sociais mais díspares, na corrente de comunicação que estabelecia com pessoas de todas as condições, etnias, crenças e culturas, e não apenas porque os contactos o encontravam, antes porque não se dispensava de multiplicar as experiências e os contactos.

Recordo-me da primeira vez que o acompanhei em Lisboa, por 1961, devendo a sua amizade a Sarmento Rodrigues que era muito seu irmão no espírito de vagabundagem pela diversidade de terras e de gentes. Percorremos bairros velhos da cidade então imperial, e havia alguma coisa de misterioso nos silêncios em que subitamente se quedava, radiografando com os olhos vivos alguma antiga casa de morada, uma descontrada escadaria, um beco escuso, e só mais tarde entendi que estabelecia um diálogo com a vida colectiva que por ali tinha corrido, que não apenas a imaginava mas a captava, que recolhia apontamentos ditados por vozes que outros ouvidos não escutava, tudo apenas tomado possível, por suposição minha, porque também era poeta e daqui lhe vinham as feitiçarias com que enriquecia o feito cigano de não querer lugar fixo, com uma excepção para o Recife e, aqui, para Santo Antônio de Apipucos.

Lembro-me do entusiasmo com que, numa das suas passagens por Lisboa, quis visitar a Feira da Ladra, onde, por esse tempo, se encontrava mais Lisboa do passado do que aquela ameaça de futuro que agora é ali mais visível.

Quando era de esperar que se detivesse no exame de algumas antiguidades, que não rareavam, ou das moedas que admirava, ou das medalhas comemorativas que coleccionava, descobriu os velhos postais ilustrados que acidentalmente estavam visíveis entre a tralha de um vendedor modesto.

Os dedos ágeis daquelas mãos de fino traço, habituadas às bibliotecas cuidadas e aos arquivos sistematizados, não paravam a virar cada

um, a ler o que podia da prosa popular que mandava notícias e saudades de gente andarilha para gente que ficara, e comprar todos, a procurar mais. E nunca abandonou o método de encontrar a vida em postais ilustrados, como a tinha procurado em anúncios de jornais, em editais, em cartas velhas, em tudo quanto apenas testemunha, que um homem passou por ali, sem que a história registre o nome do homem.

Escrevi num livro sem importância, *Tempo de Vésperas*, uma ligeira crônica intitulada *A Revoada*, que foi inspirada nessa visita e nessa revelação vivida. Porque há muita diferença em ler a história da vida, mesmo escrita com talento criador, e assistir ao encontro da vida morta com aquele que será capaz de a reconstruir. Trata-se de o trabalhador trazer a oficina para a rua, de ver nascer a ferramenta e a arte de a utilizar, de assistir ao desbravar de um caminho para um resultado, que depois se chamará método.

Este talento de chegar ao espírito das coisas pela reunião das marcas que deixou nas coisas, exercitava-o com a simplicidade do mestre que ensinava aprendendo, e que aprendia a ensinar. Na simplicidade que parece algumas vezes contrariada pela freqüência com que, na sua vasta obra, fala do seu trabalho, dos seus itinerários, dos seus triunfos, das suas consagrações.

Mas, reunidas ambas as facetas, resulta que não queria que a sua obra fosse examinada em separado do que pensava de si próprio e das suas convicções, pelo que continuamente se analisava e se desvendava, correndo o risco da crítica desfavorecedora, que não temia.

Um dia lhe ouvi, no Recife, em homenagem pública, por agosto de 1984, assumir que muitas vezes o acusavam de vaidoso, para depois ironicamente demonstrar, com uma fluência que guardou até ao fim da vida, que tinham razão os críticos, e tinha razão ele próprio quando lhes provocava a crítica, tantas eram as coisas das quais não podia deixar de louvar-se publicamente, a começar por ser brasileiro sem necessidade de escolha, e a continuar com a escolha que fizera de gastar a vida ao serviço da cultura brasileira em particular, da cultura luso-brasileira em especial, e da cultura como património comum da humanidade. Aquilo que realmente queria dizer, se bem entendi, é que sentia a felicidade de um tempo bem gasto no trabalho sem interrupção e com alegria, a felicidade de sentir que os resultados eram gratificantes, a felicidade de julgar que os frutos tinham acrescentado a dimensão interior do Brasil na busca da sua própria identidade, e a projecção internacional do seu país. É pena que este improvisado discurso da vaidade assumida, único do meu conhecimento, não tenha ficado registado para enriquecimento da literatura gilbertiana.

Festejado e consagrado por tantas instituições científicas, havia um detalhe que sempre comoveria qualquer português. Não usava insígnias, não utilizava os títulos numerosos que recebeu ao longo da vida, embora não deixasse de os mencionar quando escrevia, sobretudo, parecia-me, quando sabia que escrevia para estrangeiros e queria que sou-

bessem da reconhecida autoridade da voz brasileira que se lhes dirigia. Não consentia que se ignorasse que dali vinha uma afirmação fundada, que era brasileira a origem, que era internacional o acatamento.

Mas houve uma homenagem que, parece, mais profundamente do que qualquer outra, ter recompensado o seu labor e o que pensava ser o legítimo direito à consagração: essa homenagem foi o Doutorado Honoris Causa pela Universidade de Coimbra.

Tive a honra de assistir à cerimônia da imposição das insígnias, com todo o costumado esplendor do secular ritual. Lembro-me das suas palavras, em que começou por descrever a meninice de estudante pouco promissor e inquietante para os responsáveis familiares. Também me aconteceu, porém, estar presente em outras consagrações que recebeu. Mas a única insígnia que usou sempre foi o anel de Doutor por Coimbra, e não outra.

Tinha mesmo, por vezes, um gesto de carícia para com a pedra doutoral, quando discorria sobre algum problema, como que à procura de inspiração e apoio. Rolava lentamente o anel como quem procura estar seguro das raízes profundas onde encontra as premissas do discurso mesmo inovador, mesmo crítico, algumas vezes quase revolucionário.

Nesse gesto inconsciente estava a prova de que o lusotropicalismo não era apenas uma conclusão desenvolvida numa teoria a relacionar os factos dispersos no banco de trabalho que é o tempo da história. Também havia uma metateoria, uma adesão a uma escala de valores, a um projecto de vida colectiva, a um entendimento da sociedade civil, de cuja construção foi um dos valiosos analistas. Profundamente português para ser profundamente brasileiro, assumindo o património sem benefício de inventário.

Foi por isso um dos participantes intervenientes nos Congressos das Comunidades Portuguesas, e muito especialmente no que se realizou em Moçambique de 13 a 23 de julho de 1967, a bordó do Príncipe Perfeito, navegando no Índico, de porto em porto.

No Relatório que Gilberto Freyre elaborou para servir de base aos trabalhos da 1ª Secção (Convergência Étnico-Cultural), encontra-se uma das mais completas sínteses do seu pensamento, que seria de recordar nesta época de esquecimentos bem lembrados.

Foi por essa participação que o III Congresso, nunca realizado, ficou marcado para o Brasil, com aprovação do nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros, e deveria ter-se efectivado em 1969.

Como tive ocasião de escrever, no Prefácio das Actas publicadas em 1970, era necessário, para tanto, que "como em tantos outros domínios do bem-comum, os governos ajudem sem procurar tirar proveito partidário", acrescentando: "É evidente que a continuação pode ser feita não importa por quem. O necessário, como muitas vezes se tem repetido, é que os valores não se percam. Cuidar de ser fiel aos valores em todas as circunstâncias, muito especialmente quando as circunstâncias não estão de acordo com os valores".

Porque era assim em 1969, o III Congresso não se realizou, e o movimento de aproximação das comunidades portuguesas, em que Gilberto Freyre pôs tanto do seu empenho e convicção, ficou interrompido sem vantagem para nenhum responsável, e com insofismável prejuízo para os povos interessados.

No citado Relatório vem o repúdio da "tese dos que justificam políticas de segregação social, contra minorias e até contra maiorias dentro de sistemas nacionais de convivência, da parte de grupos étnico-culturais dominantes nesses sistemas: invocam a necessidade de serem preservados, o mais possível, na sua pureza, quer etnias consideradas superiores, quer culturas, igualmente consideradas superiores, e que só se conservariam povos superiores através da identificação absoluta da etnia dominante – seja, embora, em alguns casos, minoria – com a cultura dominante, em alguns casos, advéncia ou exótica em relação, quer ao espaço – inclusive os recursos do sector económico desse espaço – onde se exerce sua dominação, quer às etnias e às culturas indígenas, sobre as quais se verifique essa mesma dominação".

A participação de Gilberto Freyre neste Congresso e na data em que se verificou, envolvendo o seu nome e responsabilidade na busca de um futuro para todas as comunidades culturalmente marcadas pelo portuguêsismo, é uma demonstração insofismável do seu genuíno empenho pela área lusotropical, de um pessoal activíssimo no sentido do desenvolvimento dela em formas pacíficas de convívio reformulado, colocando-o longe do intelectual que não mergulha as mãos no barro da vida, que passa ao lado dos conflitos para os examinar severamente depois de extintos, sem assumir maior função do que a de opinar sobre como as coisas poderiam ter sido diferentes, uma acção em que a criatividade não corre qualquer risco.

Não era assim Gilberto, porque tomava partido sempre que os valores em que acreditava pareciam em risco de serem atingidos. Algumas vezes até inesperadamente, ao menos para alguns dos seus amigos, como aconteceu com a devastadora campanha de Jânio Quadros, na qual Gilberto também distribuiu as "vassourinhas" simbólicas do projecto que obteve a esmagadora maior maioria de sempre, que haveria de acabar tão rapidamente com a inexplicada demissão do eleito, e o reconhecimento do erro pelos eleitores.

Brasileiro em todas as suas fibras, Gilberto também apreendeu o sentimento popular que determinou os resultados eleitorais, para depois comungar no desgosto colectivo do engano, não sobre o projecto mas sobre o executante.

Tal como lhe aconteceu com o empenhamento na evolução pacífica de todas as comunidades de cultura marcada pelos valores portugueses, porque nunca lamentou o projecto, e não pôde deixar de sofrer com as conseqüências da paralisia do mesmo.

Uma paralisia que se inscreveu na catástrofe geral de doutrinas que dominaram o ambiente do tempo em que viveu os anos da formação,

e que rejeitou vigorosamente, não apenas por opção axiológica, também pela experiência cientificamente controlada, e pela vontade posta ao serviço dos valores optados.

Não esqueçamos que se foi em 1853 que o Conde Arthur de Gobineau publicou o seu *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*, fascinado pelas causas do declínio das civilizações mas não pelas causas do seu crescimento, foi apenas cinquenta anos depois, na gestação da primeira guerra mundial, que se tornou um guia daquilo que Hannah Arendt chamou "escolas de filosofia da destruição".

Os seus *filz des rois*, a raça superior destinada ao triunfo segundo pregava, sem explicar que esperado triunfo era esse numa civilização que destinava cientificamente à decadência e à morte, não se ficou pelas doutrinas arquivadas, viria antes a transformar-se no mais agressivo e destruidor racismo de toda a nossa história conhecida. Homens como Charles Michel, no *Saturday Review* de Fevereiro de 1896, consideravam adquirida a perspectiva que lhes permitia escrever ensaios com o título *A Biological View of our Foreign Policy*, e Charles H. Harvey procurava a notoriedade, em 1904, publicando *The Biology of British Politics*.

Tudo antes que o racismo se transformasse em ideologia do Estado e provocasse os desastres de que a Europa, e suas dependências culturais, ainda não se recomuseram.

Todavia, nascido e criado num ambiente herdeiro do sistema colonial, moldado numa sociedade onde a integração social baseada na igualdade ainda não alcançara a já proclamada igualdade política e jurídica dos homens, um dos méritos de Gilberto foi superar o ambiente, superar a crise de duas guerras mundiais que ambas acentuaram a vertente racista, resistir ao peso das pressões ambientais externas e internas, excluir os mestres que tinham preparado esse ambiente ou a ele tinham sucumbido, e escolher a via da preservação e crescimento das culturas pelo sincretismo, adoptando a perspectiva que faltava a Gobineau e seus espirituais descendentes, apenas preocupados estes em descobrir a causa do desastre, mas não a causa do nascimento, florescimento e triunfo dos modelos criados pelas várias respostas humanas ao desafio de viver.

Enquanto uns, apoiados no poder político, falavam de *arianismo* para impor a supremacia, assim como Dilke proclamava a *saxonidade* para manter o Império, tal como Disrael consagrava os "transgressores das leis na Índia" que Burke temia que viessem a ser os "fazedores da lei na Inglaterra", e que mais tarde Hitler tudo sublimaria numa ideologia devastadora e criminosa, Gilberto remava vigorosamente contra a maré, solitário quando foi necessário, e não apoiado em acérficas adesões ideológicas, mas sim lucidamente amparado na história vivida, nas consequências positivas de uma acção secular com inevitáveis erros, mas dando predomínio às primeiras, que são a fonte da esperança, e não aos segundos que são o primeiro passo no sentido da catástrofe.

Quando os monstros do Apocalipse, primeiro nesta antiga sede do governo do mundo que foi a Europa, depois nas regiões para onde o seu

poder se estendera com fundamentos tantas vezes grávidos da própria destruição, pareceram semear a divisão das raças por toda a parte, o conflito étnico com reforço da ideologia política nas vastas regiões tropicais, o estado de natureza, à moda de Hobbes, por todos os lugares, ele continuou sereno, na sua fortaleza de apípicos, no Recife, no seu quadrado no Instituto Joaquim Nabuco, a defender a continuação do caminho já percorrido da mestiçagem física, da integração cultural, do sincretismo criador, pacifista e libertador das sujeições, primeiro ráticas, depois culturais, sociais e econômicas, para que os direitos do homem não fossem uma simples declaração formal sem correspondência em factos; ou fossem mais os direitos de um só povo em que se traduzia a fórmula de Disraeli, segundo o qual "nos direitos dos Ingleses existe algo melhor do que os Direitos do Homem", ou de uma raça proclamada superior decidida a assumir o direito de dirigir por mil anos o destino dos próprios europeus.

Esta constância de uma atitude axiologicamente bem firmada, e sustentada por uma vontade indomável ao serviço de uma investigação científica sem transigências, foi um dos grandes exemplos que deu como homem, porque nem sequer teve a fraqueza, tão comum, de manter as suas conclusões e convicções, mas calando o verbo que as transmitiria.

Quando a cortina do medo e da mentira se levantou sobre as milhões de mortes causadas pelo erro da superioridade racista, não teve necessidade de revisionismos, de alegar que não sabia, de demonstrar que não partilhara o segredo maldito que era de incontáveis milhares de participantes, de renegar o escrito e o dito, de realinhar com os novos poderes, de procurar numa biografia esmiuçada a prova de que nunca aceitara o cataclismo e estivera sempre ao lado das vítimas, da esperança e dos novos futuros.

A obra falava profundamente por si própria, a coerência tinha sido mantida ao longo do temporal desfeito, as transigências não tinham maculado a doutrina que lhe sobreviveu, e que nos reúne hoje aqui para a revigorar pela crítica renovadora e enriquecedora.

Tudo corolário de uma atitude que se tornava visível quando recebia na sua casa, guardando o segredo do licor familiar com a pertinácia dos conventos, mas distribuindo generosamente a experiência vivida, o saber adquirido, as dúvidas acumuladas, as sugestões para as novas investigações.

Realmente, a vida conservada dos clássicos, rodeado carinhosamente pela família sólida, com a admiração dos discípulos da escola sem vestibular, com respeito pelos investigadores que adoptaram novas perspectivas, com orgulho pela terra de origem que é sempre a pátria pequena de cada um, com amor pelos que de longe lhe escreviam para inquirir das suas opiniões e conselhos.

Tal como ele os pedia, opiniões e conselhos, aos homens modestos das comunidades que ia conhecendo, para lhes recolher a experiência, o testemunho, a prova daquilo que teorizava.

Poucos terão praticado tão intensamente o método da participação, que se revelava na curiosidade pelas várias cozinhas, pelas festas populares e outras manifestações colectivas, pela assistência à prática de todos os ritos, pelas incursões em todas as formas de sociedades ou contrasociedades do vasto mundo tropical, e não apenas tropical, também saxônico, ou latino, ou africano, ou índio, ou muçulmano.

Igualmente queria participar nas várias formas de exprimir o saber, e por isso não lhe chegava a prosa castigada do cientista, e recorria ao desenho, à pintura, à poesia, à novela, para melhor entender a mensagem dos tempos, e para que o seu tempo entendesse melhor a mensagem que lhe transmitia.

Muito evidentemente, não sentia qualquer fenômeno de envelhecimento nem de conflito geracional, e para o verificar bastava ouvi-lo nos grandes auditórios de Brasília, ou do Rio, ou do Recife, ou de Lisboa, quando imediatamente era visível que se identificava com a assistência, aquela assistência que põe os professores, cada ano, perante o mistério de que um lado da sala tem sempre a mesma idade, e apenas se envelhece na cátedra que fica do outro lado.

Gilberto suprimia o problema identificando-se com a nova geração de cada jornada anual, assistido pelo lema de estar sempre além do simplesmente moderno. Preocupado com a metateoria, com o templo da nova aliança superadora da distinção entre ciências da natureza e ciências da cultura, apoiado na interdisciplina que sempre desenvolveu, procurando reconstruir o passado por saber que quem domina o passado tem possibilidade de influenciar o futuro.

Assim me lembro dele, tranqüilamente sentado na minha sala de receber, como se a luta constante não fosse o seu cotidiano, perguntando por todos e cada um dos amigos e das crianças, e não dispensando o charuto que lhe estava sempre reservado, para que o fumo da vida sabedoria envolvesse a tranqüilidade da vida conversada com que enfrentou todos os desafios da vida construída.

Morreu em paz, mas felizmente não nos deixou em paz, porque foi a mensagem da guerra por uma vida melhor e mais autêntica que nos deixou como legado, com o imperativo de entender tudo sem ódio e sem paixão, de tentar melhorar um pouco de tudo com amorosidade.